

*Do poeta Alvaro Moreyra,*

*do Jorge de Lima*  
14-6-52

ligente e bela, foi Eugenia Alvaro Moreyra, a quem Benjamin Lima chamava a Musa do Modernismo. Seria injusto se esquecesse o nome do sergipano Jackson de Figueiredo, que nos escrevia cartas sempre generosas e longas. Ainda possuo o n.º 62 da "A Ordem", em que fazia a crítica de meus "Poemas" publicados em 1927 (mas escritos e divulgados em revistas literárias desde 1925) e os 4 poemas de Brasil Pinheiro Machado, (Ponta-Grossa, Paraná, 1928).

Creio que a grande influência recebida por todo o Nordeste proveio de Gilberto Freyre já grandemente conhecido pelos seus artigos em jornais e cartas, e posteriormente por seu célebre "Casa Grande e Senzala". Odilon Nestor, ilustre crítico pernambucano, cedo nos compreendeu e incentivou, bem como o paraibano Ademar Vidal.

Com o movimento modernista, surgia no campo das letras a província viva e gloriada e lembrada vinda até São Paulo e Rio com a marca de suas tipografias e de suas editoras: O Folhetim do Estado de São Paulo de 2 de Junho de 1928, subscrito por Sud Menucci estampa um cabeçalho significativo: "Jorge de Lima — Poemas e Essa negra Fulô — Edições da Casa Trigueiros — Maceió (Alagoas), 1927 e 1928 — Ernani de Cunto — O Roteiro imprevisito — EDITORIAL Helios Limitada, São Paulo, 1927 — Jader de Carvalho, Sydney Netto, Franklin Nascimento e Pereira Junior — O Canto Novo da Roça — Tip. Urania — Fortaleza (Ceará), 1927 — Heitor Alves — A vida em movimento — Casa Aurora — Passa Quatro (Minas), 1927 — Julio Tinton — Arco-Iris — Gráficos — São Paulo, 1928".

Críticos estrangeiros começaram a interessar-se por esses nordestinos: em várias notas em sua secção de crítica estrangeira, Marcel Brion nos estudou. Em Madrid, no A.B.C. em Letras Ibero-Americanas José Maria de Aosta acolhia-nos com familiaridade. E no continente Pedro Juan Vignale, Raul Tuñon, Ildefonso Pereda Valdez, poetas e críticos comentavam-nos com benevolência.

De toda a parte, porém, não nos poupavam remoques, pilhérias e ataques. Riamos. No Nordeste estas críticas eram constantemente ferrenhas. Ainda hoje Mario Melo investe em Recife e adjacências.

Para avaliar-se quanto os nossos antagonistas eram ferozes, basta transcrever qualquer trecho de Lucio Varzea no Correio do Ceará contra Bandeira: "Devo dizer com sinceridade que as produções de Manuel Bandeira não podem ser tão ruins, quanto ele próprio me fez supor. E' que o poeta massacra a poesia". Nesse mesmo artigo, o crítico começa por Manuel e acaba me desatando também.

No Diário de Pernambuco de 22 de janeiro de 1928, o senhor Nason de Figueiredo termina o seu artigo "Ora, eu futurista" com as seguintes palavras: "A meu ver a nossa gente está a olhar para a pretensão de Marinetti através duns óculos verdes, iguais àqueles com que certo almocreve fizera o seu sendeiro comer capim seco por verde!" Como vêem: era de burro p'ra baixo. Ao ler esses ataques, Aluisio Branco, o poeta alagoano morto na mais promissora adolescência, reagia com uma mordacidade só igualável à de certos moços do Club de Poesia de São Paulo. Reagia e descobria novos valores que ele elogiava pelas páginas do "Jornal de Alagoas". Certo dia me aparece com um artigo, publicado depois a 2 de setembro de 1928 no Jornal de Alagoas, sobre o riograndense do Norte — Jorge Fernandes: "Quando estive, no ano passado, em Paraiba, José Américo de Almeida falou-me nas poesias bastante curiosas que escrevia em Natal esse Sr. Jorge Fernandes. E não me falou com indiferença pelo único prazer de não estar calado. Notei até nas palavras de José Américo um princípio de fascinação."

Ao lado de Aluisio Branco outros moços apareciam: Valdemar Cavalcanti, Diegues Junior, Carlos Paulillo, Aurélio Buarque de Holanda, Raul Lima, Arnon de Melo, Estevam Pinto. Nomes bem vivos e atualíssimos.

Na "Gazeta de Notícias", de Maceió, de 21 de fevereiro de 1928, escrevia Aluisio: "O Modernismo do Nordeste ficará em nossa história literária porque conta verdadeiramente com vários nomes de valor".

Se o jovem poeta morto acertou em sua predição, só o tempo dirá. Todavia é bom registrar que Gilberto Freyre, no prefácio de meus "Poemas Negros", endossa o vaticínio: "Dêsse movimento do Nordeste" pode-se acrescentar que foi uma espécie de parente pobre do

modernismo paulista-carioca. Mas um parente pobre capaz de dar o rico valores já quase despercebidos de outras partes do Brasil e necessitados apenas dos novos estímulos vindos do sul e do estrangeiro para se integrarem no conjunto de riqueza circulante e viva constituída por elementos genuinamente brasileiros, essenciais ao desenvolvimento da nossa cultura em expressão honesta do nosso ethos, da nossa história e da nossa paisagem e em instrumento de nossas aspirações e tendências sociais como povos tanto quanto possível autônomo e criador".

## O MODERNISMO NO NORDESTE

(Continuação da página 74)

e poetas, os rapazes de Cataguazes, o grupo de Fortaleza em que aparecia um homônimo do autor do Clan do Jaboti, os moços da Bahia chefiados por Carlos Chiacchio, os capixabas entre os quais exercia crítica João Calasans. No Rio de Janeiro, todos esses aparecimentos eram elogiadamente recebidos pelos críticos Alceu Amoroso Lima, João Ribeiro, Nestor Victor, Andrade Murici, Almachio Diniz, Benjamin Lima, Sud Menucci, Plínio Barreto, Antonio de Alcântara Machado (Revista de Antropofagia de S. Paulo), Mucio Leão no Jornal do Brasil, Fabio Luz no Correio do Brasil, Horacio Cartier e Veiga Lima no "O Globo" e outros. Não é bom esquecer que os nordestinos devem sua divulgação em Minas a João Alfonsus, Edmundo Lys, João Dornas Filho... Mas a principal propagadora do movimento, pois encarnava os seus talentos de declamadora e mulher inte-